

Outras (outras?) imagens do professor na cultura brasileira

Até agora, vimos as representações do professor na literatura brasileira do fim do século XIX ao fim do século XX. Aachamos interessantes relacionar as imagens desenhadas com imagens sugeridas em outros estudos, por outros pesquisadores. É o que é feito neste capítulo.

Em *Era uma vez... os professores na literatura infanto-juvenil brasileira*, temos uma síntese dos estudos constantes do livro *Professoras que as histórias nos contam*, organizado por Rosa Maria Hessel Silveira²⁹². Os trabalhos, com diferentes nuances, refletem sobre as representações de professor e professora que circulam nos livros infantis disponíveis no mercado brasileiro desde 1970. Em *O professor e a professora em exibição no cinema nacional*, temos a discussão da representação dos professores em dezessete filmes brasileiros, criticados por Eli T. Henn Fabris, em sua tese *Em cartaz O cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente*. A professora impressa na revista apresenta o resultado do estudo *Mídia, magistério e política cultural* de Marisa Vorraber Costa sobre as relações entre mídia e fabricação de identidades sociais, focalizando a produtividade da revista *Nova Escola* na constituição de um discurso sobre a profissão do magistério.

Outros estudos poderiam ser feitos. A representação dos professores no teatro brasileiro, por exemplo. O famoso texto teatral de Robertho Athayde, “Apareceu a Margarida”, de 1973, ainda encenado em palcos pelo Brasil e pelo exterior, com o mesmo sucesso, mostra uma tirânica professora que usa da sedução à chantagem, passando pela demagogia e pela repressão, para maltratar a sua turma de alunos e envolvê-los no seu desvario. A peça, que pode ser lida como uma crítica feroz à violência da ditadura, instalada no país na época, pode também ser vista como mais uma representação da sala de aula, da relação prostituída da professora com seus alunos. Ouçamos Margarida:

²⁹² SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org). *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Vocês aqui não têm direito a nada. Vocês são uns fedelhos. Vocês são uns fedelhos. Vocês tem que compreender o que vocês são para poderem se comportar bem. O bom comportamento é a maior qualidade do menino em idade escolar. [...] Quem sabe D. Margarida não daria a vocês uma aulinha de educação sexual se vocês se comportassem bem? Pensem só! Dona Margarida poderia levantar a barra da saia. Mas tudo isso é só se vocês se comportassem bem. Não há recompensa sem dedicação e sacrifício. [...] Quem sabe Dona Margarida não se abriria e ficaria nua na frente de vocês? Mas para isso é preciso estudar. Aprender. A matéria é muita e o tempo é pouco. Vocês são muitos e Dona Margarida é uma só.

Outro exemplo: na peça teatral “Minha mãe é uma peça”, sensação da temporada teatral carioca de 2007, o ator Paulo Gustavo leva ao delírio a platéia com Dona Hermínia, uma mulher de meia idade, aposentada e sozinha, que se vê à procura do que fazer, uma vez que seus filhos estão crescendo e não precisam mais de seus excessivos cuidados. O que fazia essa mãe, ridícula e delirante, antes de se aposentar? Era ... professora, “claro”!

Inúmeros outros exemplos podem ser recolhidos, ampliando a discussão da imagem dos professores na cultura brasileira. O que julgamos importante é mostrar que a arte, ao mesmo tempo em que reflete, produz sentidos, representações e imagens. Articular esses diversos fios deve ser o objetivo de toda pesquisa.

Como a criança, citada por Barthes, que “brinca em torno da mãe, dela se afasta e depois volta, para trazer-lhe uma pedrinha, um fiozinho de lã, desenhando assim ao redor de um centro calmo toda uma área de jogo, no interior da qual a pedrinha ou a lã importam menos do que o dom cheio de zelo que deles se faz”²⁹³. São as idas e vindas de um desejo, representado sem fim, diz Barthes. Idas e vindas de um ensino, que deve ter sempre desvios. São as idas e vindas de uma pesquisa, circulando sobre o entorno, buscando sentidos, fazendo perguntas, vendo respostas dadas por outros. Como diz Barthes: “E eu me persuado cada vez mais, quer ao escrever, quer ao ensinar, que a operação fundamental desse método de desprendimento é, ao escrever, a fragmentação, e, ao expor, a digressão, ou, para dizê-lo por uma palavra preciosamente ambígua: *a excursão*.”²⁹⁴

Pois sigamos nossa excursão.

²⁹³ BARTHES, Roland, op. cit., p. 42.

²⁹⁴ Ibid., p. 42.

5.1

Era uma vez... os professores na literatura infanto-juvenil brasileira

Rosa Maria Hessel Silveira, estudando a representação do “ser professora” no ensino fundamental, diz que, apesar da chamada virada temática da literatura infanto-juvenil nas três últimas décadas, que retiram dela o viés pedagógico e moral explícitos, levando-a à exploração de temáticas inéditas, ao abandono da rigidez lingüística e estilística e à quebra de alguns valores que presidiam a maioria de suas obras (obediência, adultocentrismo, etc) não se furta ela – e nem poderia se furtar, como artefato cultural imerso em um contexto dado – a veicular representações, imagens, verdades, valores, que evidentemente não surgem nessa obras descoladas de representações que circulam em outras áreas.

Nesse sentido, essa pesquisa não poderia deixar de dialogar com representações do professor na literatura infanto-juvenil²⁹⁵.

Maria Lúcia Wortmann analisa as representações dos professores de ciências e cientistas na literatura infanto-juvenil, constatando que a ciência é representada como uma atividade masculina, cuja identidade está, por vezes, misturada à dos próprios cientistas. “Professores de ciências são curiosos, inventores, perspicazes, geniais, desligados das convenções sociais, com aparência descuidada ou bizarra – ‘um tanto malucos` e, por isso, não levados muito a sério, além de serem responsáveis pela produção de ‘coisas estranhas`”²⁹⁶. Vejamos um exemplos que traz essa representação:

Crânio lembrava-se da genialidade do professor Elias, aquele homem magro, mal vestido, sempre de sandálias, que vivia a contar tostões em troca de educar os jovens das famílias mais ricas da cidade.²⁹⁷

²⁹⁵ Embora já tenhamos visto *A professora maluquinha*, o estudo aqui feito contempla um número grande de livros infanto-juvenis, fazendo um panorama abrangente do que hoje se produz para este público no Brasil. Aqui, não nos interessou avaliar a qualidade ou não dos textos, mas sim as representações que são por eles veiculadas.

²⁹⁶ WORTMANN, Maria Lúcia. Sujeitos estranhos, distraídos, curiosos, inventivos, mas também éticos, confiáveis, desprendidos e abnegados: professores de ciências e cientistas na literatura infanto-juvenil. In SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org). *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 39.

²⁹⁷ BANDEIRA, Pedro. *Pântano de Sangue*. São Paulo: Moderna, 1994, apud SILVEIRA, ibidem, p. 35.

Já Rosa Maria Hessel Silveira, no estudo “Gritos, palavras difíceis e verborragia: como a professora fala na literatura infantil”²⁹⁸, detém-se sobre o discurso professoral, entendido como as formas com que a fala dos mestres em sala de aula é representada. Três dimensões do discurso docente emergem como fortemente marcadas: a loquacidade; o grito e a diferença entre esse discurso e a linguagem dos alunos.

Silveira mostra que a frequência e recorrência da fala do professor na sala de aula é um dos traços representativos mais notáveis: a professora fala incessantemente. Além disso, extravasa sua raiva gritando:

Dona Carola explicava, com uma voz que sabia o que dizia, era uma voz esganiçada, que baixava e que subia, ai, que voz que tinha a Carola, falava, que agonia, falava, falava muito, logo depois repetia, repetia, que agonia, enquanto a turma ouvia, escutava, ai, sofria! Dizia Dona Carola, ditava, lia, relia, escrevia e copiava, mais uma vez explicava porque a chuva chovia...²⁹⁹

A professora, atenciosa, nos “previne”, nos “aconselha”, para vencer a dificuldade: Crianças queridas, não deixem para a última hora, nhenhênhem, nhenhênhem, acreditem na tia Olga!³⁰⁰

O grito da professora entrou pelos ouvidos de Tatá, viajou mais de um mês de volta no tempo e foi dar um susto no aluno distraído, de mãos dadas com o avô, em cima de um banco da praça.³⁰¹

Para a pesquisadora, “a alusão ao destempero verbal freqüentemente faz parte de uma construção de personagem da professora em que ela é aproximada a uma bruxa, megera, etc.”.³⁰²

Além da loquacidade e da representação da professora mal humorada que vive gritando, aparece o distanciamento entre o discurso escolar – com seu ideário de correção, pureza e polidez – e a linguagem dos alunos. Os professores “falam diferente” e por isso não são compreendidos.

²⁹⁸ SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Gritos, palavras difíceis e verborragia: como a professora fala na literatura infantil in SILVEIRA, *ibid.*

²⁹⁹ ORTHOFF, Sílvia. *Um pipi choveu aqui*. São Paulo: Global, 1991, s/p, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 53.

³⁰⁰ PUNTEL, Luiz. *Não agüento mais esse regime*. São Paulo: Ática, 1987, apud SILVEIRA, *ibid.* p. 52.

³⁰¹ COSTA, Marco Túlio. *Tatá e Dó-ré-mi no Reino do Calajá*. São Paulo: FTD, 1994, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 60.

³⁰² SILVEIRA, *op. cit.*, p. 60.

Tia Augusta certamente ia achar muito boa. Ela sempre achava as redações de Zoé “excelentes”. Tanto na “correção gramatical” quanto pelo “conteúdo imaginativo”. Elogios que Zoé não entendia bem, mas que sempre lhe valiam boas notas.³⁰³

A representação de um professor que fala muito, fala difícil e grita com frequência parece atravessar a imagem de diferentes mestres na literatura infanto-juvenil.

A relação entre gênero, sexualidade e docência é estudada por Daniela Ripoll³⁰⁴, que observa que as imagens da professora estão tradicionalmente ligadas ao recato, ao pudor e à docência (figuras mais despojadas, com roupas discretas, vestidos fechados, cabelos presos e óculos³⁰⁵).

Ripoll mostra, no entanto, que, na literatura infanto-juvenil recente, acentua-se a importância do vestuário e da moda, dos corpos e da sexualidade. O modelo de professora atual distancia-se de um modelo mais clássico de docência: a professora de hoje é vaidosa, veste-se de forma sensual (saias e calças justa) e tem um grande cuidado com a aparência.

Os professores também são vaidosos; a sedução aparece como natural ao homem, frequentemente vinculada à razão e à inteligência.

A autora observa ainda que na literatura infanto-juvenil mais recente são comuns as temáticas da paixão e das estratégias de sensualidade entre professores e alunos³⁰⁶. Livros infanto-juvenis atuais apontam, portanto, para uma maior visibilidade dos corpos na sala de aula, dos professores e também dos alunos.

Luisinho tinha dez anos e uma fantasia: casar com a professora de trinta. Vinte anos pode não ser muita diferença quando se trata de dona Mariana, mulher bonita, seios fartos, roupas justas... ah! Luisinho morria de amores por aquela professora.³⁰⁷

Estava mais linda do que nunca. Alta, loira, com os cabelos compridos caindo pelo rosto, imensos olhos azuis que pareciam dizer mais do que palavras. Arrumou melhor o apertadíssimo jeans com que vinha dar aulas, ajeitou a

³⁰³ BAGNO, Marcos. *A barca de Zoé*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1994, p. 22, apud SILVEIRA, *ibid.* p. 55.

³⁰⁴ RIPOLL, Daniela. “*Formosura parelhada na inteligência*”: a beleza que ensina nos livros infanto-juvenis. In SILVEIRA, *ibid.*

³⁰⁵ Atentar para os cabelos presos e óculos, elementos que remetem a imagem de sabedoria, do erudito.

³⁰⁶ A imagem do professor sedutor também é explorada, portanto, na literatura infanto-juvenil. A relação de poder mistura-se com a sensualidade e a sexualidade.

³⁰⁷ FRATE, Diléa. *Histórias para acordar*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996, p.8, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 77.

camiseta largona e colorida, apertou as tiras da sandália, que mostravam os pezinhos mais redondinhos do mundo. Estava deslumbrante!³⁰⁸

Na manhã seguinte, a professora Jandira, bela e formosa, com dois brincos de diamante, continuou suas aulas de literatura.³⁰⁹

A presença do negro na literatura infantil é discutida por Gládis Kaercher³¹⁰, que constata que, apesar de os livros atuais já fazerem representações de professores negros, esta representação é impregnada por estereótipos e preconceitos. Os personagens negros, na sua maioria mulheres, não se reconhecem em sua etnia, são ambíguos e caricatos em sua representação figurativa.”³¹¹ Em diversas passagens, temos uma narrativa naturalista, inspirada no conceito de raça, que ocorre em outras obras da literatura e que atribui ao negro um componente animalizante. A docência aparece assim como redentora dos efeitos da negritude. É como se fosse inconciliável ser professor e ser negro, um “sonho” que, quando realizado, é desencadeador de conflitos:

Deu um suspiro comprido e acrescentou:

– Se a gente pelo menos pudesse estudar os filhos...

Senti uma pena tão grande do meu velho, que nem pensei para perguntar:

– Pai, o que mulher pode estudar?

– Pode ser costureira, professora... – Deu um risinho forçado e quis encerrar o assunto. – Deixemos de sonho.

– Vou ser professora – falei num sopro.

Meu pai olhou como se tivesse ouvido blasfêmias.³¹²

A autora salienta que, mesmo as obras que apresentam o que seria uma perspectiva mais contemporânea das questões étnicas, preferem voltar-se ao passado da escravidão, para suscitar a compaixão e o sentimento de culpa dos brancos, eximindo-se da abordagem das questões atuais.

Outro estudo diz respeito à representação da alfabetizadora na literatura infanto-juvenil, traçando um percurso que vai desde a referência aos “tradicionais” métodos de alfabetização até o desaparecimento, na alfabetização,

³⁰⁸ ABRAMOVICH, Fanny. *Segredos secretos*. São Paulo: Atual, 1997, p. 26, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 77.

³⁰⁹ MARINHO, João Carlos. *O livro da Berenice*. 3 ed. São Paulo: Global, s/d, p. 78, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 82.

³¹⁰ KAERCHER, Gládis. *As representações do/a professor/a negro/a na literatura infanto-juvenil ou sobre o fluxo das águas*. In SILVEIRA, *ibid.*

³¹¹ KAERCHER, Gládis, *ibid.*, p. 97-98.

³¹² GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. 9. ed. São Paulo: FTD, 1994, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 101.

das próprias alfabetizadoras. Conforme análise de Iole Faviero Trindade³¹³, apesar de as expectativas em torno da alfabetização virem se modificando nos últimos anos em nosso país, é possível perceber que a professora é comumente representada fazendo uso dos “tradicionais” métodos de alfabetização. O posicionamento corporal das alfabetizadoras frente ao quadro-negro e a utilização que dele fazem é um traço característico dessa concepção mais “tradicional”³¹⁴ das professoras alfabetizadoras.

Trindade constata, porém, que ao lado dessas representações, aparece a diversificação das atividades e o uso da tecnologia como forma de a aula tornar-se atrativa, mostrando o quanto representações “antigas” e “modernas” da alfabetização podem conviver nas páginas das narrativas infantis. Isso evidencia que os discursos pedagógicos que, nas últimas décadas, atuaram decisivamente na adoção de “propostas inovadoras” na alfabetização, também encontram guarita na literatura infanto-juvenil: alfabetizadoras que aceitam a diversidade lingüística e o diferente ritmo de aprendizagem dos alunos, que lançam mão de estratégias “modernas” para ensinar, constituem-se personagens de várias obras.

Há, por vezes, representações que relacionam determinado tipo físico à metodologia empregada, considerada mais ou menos “moderna”. Assim, a professora feia, má e/ou velha usa métodos “tradicionais” de alfabetização, enquanto a professora bonita, boazinha e/ou jovem usa metodologias “inovadoras”.

Em diversas narrativas infantis, a professora e o método de alfabetização tornam-se presentes através da lição de casa. Mandar fazer lição parece ser entendido como ação intrínseca, natural às alfabetizadoras mais “conservadoras”. Temos, nesse contexto, uma representação recorrente da escrita como cópia e da leitura como memorização.

Xande explicou que só queria provar para o Chico e os colegas que não era burro. Por isso procurava nos livros do pai, em jornais e revistas, palavras estrangeiras ou línguas que quase ninguém falava. Decorava tudo para fazer bonito na escola, mas nem sabia o que estava dizendo.³¹⁵

³¹³ TRINDADE, Iole Faviero. *Alfabetizadoras de papel*. In SILVEIRA, op. cit.

³¹⁴ Mantive as aspas que a autora usa no artigo, fazendo uma contraposição irônica entre “tradicionais” e “antigos” versus métodos “modernos” e “inovadores”, assim comumente nomeados apenas por usarem recursos audiovisuais.

³¹⁵ NORONHA, Teresa. *Sopa de letrinhas*. 10 ed. São Paulo: Moderna. 1990, p. 40-41, apud SILVEIRA, ibid., p. 115.

A personagem professora em vários textos é apresentada segundo um modelo de docência considerado “ultrapassado”, já que supervaloriza determinados aspectos da linguagem, considerando, por exemplo, como padrão de boa escrita um texto sem erros de ortografia. Em outras narrativas, a professora traz “propostas inovadoras”. Em geral, enquanto a professora “mais jovem” usa métodos de alfabetização coerentes com a produção teórica mais recente; “as antigas” são tradicionais.

A minha eu nem sei onde enfiei. E nem sei pra que aquela cartilha, qui a genti já ta cansadu de sabe lê...

Com a turma concordando e falando junto, dona Marisa viu que teria que inventar outros caminhos...

E ela foi descobrindo e trazendo para a sala muitas histórias encantadas, muitos poemas gostosos, desenhos, quadrinhos, coisas coloridas e engraçadas. Inventava e inventavam... [...]

E foi ficando menos grande, depois quase criança. Muito bonita, doce e feliz em ensinar.³¹⁶

Em algumas obras, a alfabetizadora é “apagada”, ou seja, o processo de letramento dos personagens crianças é que adquire relevância na trama: é a criança que vai lendo pela rua, sendo alfabetizada, por exemplo, pela televisão. A professora aparece neste caso como simples coadjuvante na interação inicial da criança com a leitura e a escrita. Conforme Trindade:

A ausência ou secundarização da personagem professora alfabetizadora ocorre quando há a primazia do “processo de alfabetização” ou do uso da leitura e escrita em outros contextos, através da exploração das letras, do livro, da TV, pelas próprias crianças, as quais refletem sobre a aquisição da escrita e da leitura com a colaboração de familiares ou de outras crianças. Ela também se torna secundária ante a representação de outras “lições” e alfabetismos em que a internalização de determinadas regras parece ser mais significativa, desde o primeiro dia de aula.³¹⁷

Lúcia Elena Amaro estuda as representações de diretores de escola na literatura infanto-juvenil³¹⁸. A autora registra como a presença feminina na função predomina, fixando alguns estereótipos sobre ser homem e ser mulher.

³¹⁶ JOSÉ, Elias. *Uma escola assim, eu quero pra mim*. 2 ed. São Paulo: FTD, 1994, p. 24-26, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 120.

³¹⁷ SILVEIRA, *ibid.*, p. 131.

³¹⁸ AMARO, Lúcia Elena. *Lá vem a diretora: chilikies, broncas... mas até que ela é uma boa pessoa! Representações de diretores/as de escola na literatura infanto-juvenil*. In SILVEIRA, *ibid.*

As diretoras recebem o título de “dona”, “tratamento honorífico que nas narrativas, mais do que acompanhar e dar este sentido, serve para caracterizar a posição que é ocupada pelas mulheres e que remete ao ser mulher, esposa, dona de casa”. Abaixo, fragmento de um dos livros que se referem à fala de uma professora sobre a diretora:

Não existe criatura mais humana, mais dedicada... [...] Adotava criança. E não era por falta de filho em casa, não. Tinha meia dúzia e caprichada. E um marido, o Garrido, que se virava em mais de uma profissão pra não deixar faltar nada. Cremilda, sempre de cabelo liso, roupa lisa, sorriso liso, tudo liso, já tinha esquecido o dia em que fora a um cinema, tanta a sua dedicação pela casa e pela escola.³¹⁹

Enquanto as diretoras são chamadas de “tias”, os diretores são nomeados por “seu”, “dr”, “professor”, “educador” – o que, para a pesquisadora, demonstra como o espaço profissional do homem aparece bem mais delimitado que o da mulher. O espaço do professor não se confunde com o espaço doméstico, familiar, como acontece com as professoras³²⁰.

No espaço escolar, os diretores e diretoras ocupam o lugar mais importante na hierarquização, funcionando como uma espécie de canalizador de todos os problemas da escola, de quem se espera uma solução, mas que comumente oferece ações destemperadas (brincas, gritos, etc). Quando o diretor chama algum aluno, há sempre um problema a resolver. Os alunos, em contrapartida, esperam repreensão ou mesmo ameaças.

Todo mundo tenso: o maior medo de que a diretora aparecesse atrás do Daniel ou para nos incriminar por não ter ido contra o colega para defender o professor. Uma vez ela tinha aparecido depois de um rolo. [...] Na frente da turma, só fazia falar em respeito, disciplina, palavras bonitas e sei mais o quê. Depois, a gente fica sabendo, quando tá sozinha com um aluno, ela vira fera.³²¹

A figura da diretora/diretor identifica-se com a manutenção e a continuidade de certas práticas e “ideários” escolares, havendo a simbiose entre a

³¹⁹ BLOCH, Pedro. *A turma da paquera*. São Paulo: Editora do Brasil, 1985, p. 44, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 139.

³²⁰ A escola aparece como continuação do espaço da casa. Não à toa as professoras “arrumam” a escola. Pintam, limpam, enfeitam – como se fosse a própria casa.

³²¹ NORONHA, Diana. *Pro que der e vier*. Porto Alegre; L&PM, 1985, p. 11, apud SILVEIRA, *ibidem*, p. 144.

figura e a própria instituição. É como se o cargo fosse um cargo “vitalício” ou “hereditário”.

Vejamos agora o que diz Maria Isabel Dalla Zen sobre representações da professora de português na literatura infanto-juvenil³²². Antes de mais nada, Zen assume a utilização da palavra “professora” no título de sua pesquisa, pois constata que as professoras são citadas pelo menos três vezes mais do que os professores.

As professoras de português também são delineadas pela sua prática pedagógica, representadas como protagonistas de um ensino de Português atualmente “ultrapassado”, com aulas “duras” de correção e gramática e com a solicitação de “redações” absurdas, ora representadas como mais “atualizadas”, pacientes, valorizadoras da voz do aluno. E também não fogem aos traços que definem as docentes, independentemente de especialização curricular: podem ser amorosas, afetuosas e abnegadas, ou nervosas, gritonas, mal-humoradas.

Nas narrativas, ora os traços marcantes dos professores são a dedicação, afetividade e compromisso; ora são a impaciência, rispidez e descontrole. A pesquisadora constata que “mulheres e homens narram histórias em que as personagens – professoras/es – encarnam tanto fadas quanto bruxas.”³²³

Em geral, a leitura aparece como atividade obrigatória, ordem a ser cumprida:

– Como estaremos juntos no ano que vem, quero vê-los retornarem das férias bastante afiados. Cada um deve ler um livro de pelo menos 120 páginas.³²⁴

Em alguns livros, marca-se a representação de que o temperamento da professora, o seu modo de ser, é que provoca o aprendizado, incentivando a leitura e a escrita.

A imagem da professora modelar, caracterizada pela afeição, bondade, piedade e sabedoria, é freqüente, explicitando a conexão entre afetividade e

³²² ZEN, Maria Isabel Dalla. *Representações da professora de português na literatura infanto-juvenil – elas têm o vírus da chatice?* In SILVEIRA, *ibid.*

³²³ SILVEIRA, *op. cit.* 157.

³²⁴ BENTANCUR, Paulo. *Quem não lê, não vê: leitura*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 1997, p. 6, apud SILVEIRA, *ibidem*, p. 161.

magistério. Outras vezes, no entanto, a professora é apresentada como uma figura carrancuda, severa e mal-humorada, que protagoniza até cenas de humilhação.³²⁵

Os professores homens também não são representados de um único modo. Há mestres exemplares, cheios de sabedoria e bom senso, e há os excessivamente complacentes, aqueles com resignação quase absoluta e sacerdotal, que representam o professor “bonzinho, mas bobo”. Há ainda aqueles que são distraídos, “doidões”, como os que se tornaram professor por falta de uma oportunidade mais rentável no mercado de trabalho e, caso seja possível, acabarão deixando a profissão.

Zen mostra que são comuns na professora de português a loquacidade, a verbocidade exagerada e os gritos. “Entretanto, uma das dimensões chamou-me a atenção em especial: o destempero. Gestos, atitudes ‘chiliquentas’, berros, parecem estar em harmonia com as personagens apresentadas. É certo que essa imagem feminina vem sendo construída historicamente.”³²⁶

E, por fim, o estudo mostra que o vestuário e os acessórios apresentados nas ilustrações estão em conexão com as figuras austeras de professores exibidos em fotografias, pinturas e cartazes mais antigos. Comuns, então, os sapatos de salto alto, terno e gravata, jaleco, vestidos abotoados, cabelos presos – marcas de seriedade e rigidez de comportamento. Raras as calças, as camisetas esportivas, os cabelos desalinhados, signos da informalidade e contemporaneidade. Não faltam também alguns emblemas da profissão: livros e réguas na mão e os óculos – símbolos que vêm sendo fixados como marcas de intelectualidade, que tanto caracterizam o leitor, quanto conferem ao professor a autoridade, a qual se desdobra em vários aspectos: disciplina, conhecimento, erudição, isolamento.

Fátima Maria Pilotto analisa as representações de professores/professoras de Educação Física que circulam na literatura infanto-juvenil³²⁷. Em geral, são homens, cuja evidência do corpo é materializada no discurso. Constata a pesquisadora que recebem destaque especial nesses livros o padrão corporal e a masculinidade dos professores, muitas vezes em detrimento da capacidade intelectual dos mesmos:

³²⁵ Novamente, temos os dois opostos: a figura da boa mãe e do pai castrador. Fada e bruxo.

³²⁶ SILVEIRA, op.a cit., p. 167-168.

³²⁷ PILOTTO, Fátima Maria. *Marcando, driblando, bloqueando, cortando... representações de professores/as de Educação Física na literatura infanto-juvenil*. In SILVEIRA, *ibid.*.

Paulão, professor de educação física, mais conhecido por seu tamanho avantajado do que por alguma qualidade intelectual, atendeu ao pedido da mulher, fechando a porta.³²⁸

Outras representações comuns e ao mesmo tempo opostas: a do professor severo e a do professor amigo.

Priiii... filas descendentes por ordem de tamanho

– E um e dois, respirem fundo

– E um e dois, flexionem o tronco

– E um e dois, braços à direita

... duas voltas na quadra correndo³²⁹

A sua aula preferida era educação física, o professor que ele havia visto no primeiro dia de aula, solitário no meio das professoras, chamava-se Toninho. Era o ídolo dos meninos. Jogava, gritava, e até xingava durante as aulas. Estava sempre com um sorriso nos lábios e disposto ao diálogo.³³⁰

A pesquisadora associa as representações dos professores às três grandes instituições que influenciaram fortemente a formação dos profissionais da Educação Física em diferentes momentos: a instituição militar, que aparece na pontualidade e na exigência do uniforme; a instituição médica, que repercute nos professores, chamados a opinar sobre a prevenção de problemas de saúde (ensinam a respirar, dão dicas para a alimentação, etc.) e a instituição esportiva, que transformou o esporte em conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física, negando a existência de outras atividades da cultura corporal, como danças e ginástica.

Professoras que as histórias nos contam: feitos dentro do enfoque dos Estudos Culturais, esses estudos têm como objetivo articular as representações de professores e professoras na literatura infanto-juvenil, verificando suas conexões com representações circulantes em outros produtos culturais.

³²⁸ GARCIA, Edson, G. *Trapaças e carícias, uma história de eleições no país dos anões*. São Paulo: Atual, 1998, p. 5, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 35.

³²⁹ REYS, Yolanda. *Terça-feira: 5ª. Aula*. São Paulo: FTD, 1997, p. 15-16, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 178.

³³⁰ SILVA, Alcides R.J. da. *Expulsos de campo*. São Paulo: Editora do Brasil, 1998, p. 52-53, apud SILVEIRA, *ibid.*, p. 179.

5.2

O professor e a professora em exibição no cinema nacional

Eli T. Henn Fabris, em sua tese *Em cartaz O cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente*³³¹, estuda a representação de professores em dezessete filmes brasileiros. Todos esses filmes têm professores como personagens (principais ou não – o que por si só já tem uma significação). Em *Central do Brasil*, a professora Dora é uma mulher aposentada que utiliza a boa fé dos analfabetos, escrevendo cartas que nunca chegam aos destinos, recebendo por elas uma renda extra para complementar sua aposentadoria. Anayde Beiriz, de *Parayba Mulher Macho*, rompe padrões comportamentais referentes à sexualidade, às relações e aos costumes da vida diária. Da mesma forma, isso acontece com Carmo, Dália e Rosa, professoras de *Anjos do Arrabalde* e com Madalena, a professora de *São Bernardo*, uma mulher com idéias avançadas para o tempo em que vive³³². A professora Olívia de *O Cangaceiro* é uma mulher escolhida como refém de um bando de cangaceiros, admirada pelas mulheres e pelo herói da história. *Adorável Trapalhão* traz Dona Lúcia, uma professora carinhosa e amiga das crianças. No clássico *Meu Pé de Laranja Lima*, dona Cecília é uma professora protetora que ajuda Zezé a suportar seus sofrimentos. Baseado no romance *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, *Lição de Amor* traz Fraulein Helga, uma preceptora alemã contratada para iniciar sexualmente o jovem da casa.³³³ *Os Trapalhões no Reino da Fantasia*, tem a Irmã Maria como professora. Em *Uma Escola Atrapalhada*, a professora de artes, o professor de educação física e a professora de biologia são personagens coadjuvantes e seus nomes não são referidos. Em *Menino Maluquinho*, o filme, a professora é chamada de tia e não pelo nome. Em *Xuxa Requebra*, as professoras de dança são protagonistas de poucas cenas, sem serem nomeadas. *Os Trapalhões e o Mágico de Oróz*; *Menino Maluquinho 2 – A Aventura*, *O Trapalhão e a Luz*

³³¹ FABRIS, Eli T. Henn. *Em cartaz O cinema brasileiro produzindo sentidos sobre escola e trabalho docente*. Porto Alegre, 2005, 228 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

³³² Conforme visto no terceiro capítulo, na análise da obra citada.

³³³ *Amar, verbo intransitivo* é um dos textos escolhidos para esta pesquisa: ver terceiro capítulo.

Azul, O Noviço Rebelde e *Cidade de Deus* são filmes em que não há representação de professor, eles fazem parte do *corpus* pelas representações de alunos ou escola.

As professoras são maioria desses filmes, havendo apenas um homem professor em sala de aula, no filme *São Bernardo*. Nos outros filmes, ou os professores homens não são representados na ação docente, ou, quando são, não fica explícita a função que exercem. Eles aparecem em atividade fora da sala de aula (promovendo um acampamento, por exemplo), o que sugere que, enquanto as professoras relacionam-se ao espaço específico da sala de aula, ao ensinamento de conhecimentos ditos “oficiais”, o masculino liga-se ao espaço público, às ações de comando e ao uso da autoridade e força física³³⁴.

Os filmes brasileiros representam, portanto, em sua grande maioria, a docência como uma atividade feminina, levando para as telas o processo de feminização do magistério ocorrido no Brasil.

A pesquisadora chama atenção para o fato de que os filmes contribuem para reiterar a representação que identifica o trabalho da professora como uma continuidade “natural” da sua função no espaço doméstico: as professoras são os anjos, “as tias”, aquelas cujos atributos naturais – de proteção, cuidado e afeto – são tomados como imprescindíveis para ensinar. Nos filmes, há ênfase ao sentido do sacerdócio e vocação.

Outro importante significado produzido no cinema nacional é a manutenção da representação de ensino escolarizado como advinda da relação entre mulher e criança. Nos filmes, os estudantes são, em sua maioria, crianças; alguns são adolescentes e poucos são adultos. Os filmes naturalizam o trabalho docente, com crianças e adultos analfabetos, como uma tarefa feminina.

No entanto, embora as mulheres sejam maioria, a relação que estabelecem com os homens deixa claro o quanto a constituição da sociedade organizada em moldes patriarcais ainda repercute na cultura brasileira, marcando as representações de gênero, sexualidade, classe social e raça/etnia.

A mulher professora branca é a recorrência quando a docência é apresentada – a branquidade é, portanto, representação hegemônica da docência no cinema brasileiro, mesmo apesar de a cultura brasileira ser identificada como

³³⁴ Também no cinema uma representação comum a outras áreas.

possuidora de uma maior facilidade de viver o hibridismo e a interpenetração cultural e mesmo sendo a marca identitária étnico-racial negra tão forte no país.

Os filmes, ao mostrarem mulheres brancas e de classe média como professoras, ajudam a tornar invisível a branquidade; é como se ela fosse a identidade étnico-racial natural da docência. Essa é uma estratégia para produzir o branqueamento da profissão.”³³⁵

Ao mesmo tempo em que a docência é representada como feminina, há também deslocamentos das representações mais comuns da feminilidade. Algumas professoras rompem padrões, desviando-se do comportamento sexual previsto para as mulheres da época em que o filme é ambientado. É o caso, por exemplo, das professoras do filme *Anjos do Arrabalde*: Rosa encontra-se em um motel com um homem casado; Dália exercita seus desejos em uma relação heterossexual e em outra homossexual; Carmo decide voltar a lecionar, resistindo ao autoritarismo do marido.

No entanto, ao romper alguns padrões quanto às identidades sexuais e de gênero (transitam no espaço público, são independentes financeiramente e gozam de algumas prerrogativas masculinas), as professoras acabam sendo categorizadas como desviantes e muitas vezes acabam punidas.

Essas professoras, ao romperem padrões, são posicionadas no outro pólo, em oposição àquele considerado o padrão de mulher e de professora, passam a ocupar lugar do outro, que, na constituição da identidade, é sempre o pólo problemático. É esse pólo que carrega o ônus da representação. Nesse processo de normalização a que são submetidas as professoras, uma identidade é tomada como norma. Torna-se mais forte, invisível, porque é naturalizada. Tal identidade é considerada padrão e permanece produzindo efeitos que preponderam numa escala hierárquica de valores. Os filmes representam a diferença, mas uma diferença marcada como exótica, desviante, revolucionária.³³⁶

A punição vem de diferentes formas. Anayde Beiriz, a professora de *Parayba Mulher Macho*, é considerada uma revolucionária para sua época. O próprio nome do filme é uma alusão à sua personalidade transgressora, que lhe dá um adjetivo masculinizador, “mulher macho” – mulher metida a homem, o que vem ressaltar como a cultura marca as identidades masculinas e femininas como definitivas e fixas. Anayde perde seu lugar de professora para a pior aluna da

³³⁵ FABRIS, Eli T. Henn, op. cit., p. 157.

³³⁶ Ibid., p. 134.

classe e recebe como punição trabalhar em uma escola de pescadores, onde os alunos são adultos analfabetos e pobres³³⁷.

Outra questão que Fabris reitera em sua análise é que os filmes marcam a docência como um trabalho de pessoas pobres, submetidas a práticas de chantagem, salário baixo, necessidade de dupla jornada e até de trabalho após a aposentadoria. Os privilégios são concedidos pela posição social ou pela troca de algum favor sexual. Em *Anjos do Arrabalde*, por exemplo, o amante da professora Rosa, o supervisor da escola, usa de chantagem para manter sua relação clandestina com a professora, como se vê no diálogo abaixo, extraído do roteiro do filme, escrito por Carlos Reichenbach e Daniel Chaia:

Rosa: Por que esse interesse pelo meu trabalho? Minha vida está lá minhas amigas. Tem um probleminha com a diretora, mas ela me respeita.

Soares: É, mas eu sinto que este trabalho não te dá prazer. Isso é tão importante! Não é difícil conseguir uma vaga num órgão público qualquer, ganhando mais, trabalhando bem menos. Eu vou trazer você para mais perto de mim.

Rosa: Não quero!

Soares: Quer sim.

(Os dois se beijam.)

Além disso, a pesquisadora mostra que nos filmes selecionados a partir de 1970, a professora é nomeada de “tia”, o que pode significar, entre outros sentidos, a destituição do saber profissional: “as professoras são posicionadas no espaço do parentesco, da afetividade, consideradas pessoas destituídas de um saber profissional que estão nesse espaço para cuidar, exercendo um trabalho naturalizado como trabalho de mulher.”³³⁸ O termo “tia”, lembra Fabris, pode indicar diferentes significados para a identidade docente na contemporaneidade como, por exemplo, ser uma forma de congregar o espaço público da escola ao espaço privado da casa, fazendo uma aproximação afetiva.

Por todos esses elementos, Fabris insiste que o cinema brasileiro produz uma representação da professora absolutamente conectada com as marcas da sociedade brasileira, com traços que nos constituem. Se, na análise, os marcadores sociais são vistos separadamente, na vida cultural se articulam sendo tomados como marcas de pertencimento e exclusões.

³³⁷ Transgressão vale punição. Madalena de Graaciliano, a professora maluquinha de Ziraldo e agora, Anayde Beiriz são castigadas por não se enquadrarem no perfil da época.

³³⁸ FABRIS, op. cit., p. 176.

5.3

A professora impressa nas revistas

Marisa Vorraber Costa investiga as relações entre mídia e fabricação de identidades sociais, focalizando a produtividade da revista *Nova Escola*, de ampla circulação nos meios educacionais, na constituição de um discurso sobre a profissão do magistério.³³⁹ A autora mostra como a revista opera na fabricação de uma representação do magistério como ocupação feminina e no exercício de processos de subjetivação das professoras.

Costa mostra que, embora lado a lado na mesma profissão, homens e mulheres ocupam posições diferentes na política da identidade. Os homens estão vinculados à esfera do público, do visível, da racionalidade, da objetividade. Nesse sentido, eles são representados na *Nova Escola* em imagens associadas ao mundo exterior à escola e à sala de aula, em geral ligadas ao uso da tecnologia, à idéia de ordem, a posturas grandiloqüentes e a espaços teóricos e decisórios de reconhecida relevância social.

As professoras, por sua vez, são descritas empregando-se mecanismos discursivos que contribuem para fortalecer o vínculo entre gênero feminino e déficit de raciocínio. Como exemplo, temos uma reportagem que trata de computadores na escola e que faz analogias entre computadores e utensílios domésticos, como se fosse preciso simplificar o tema para torná-lo inteligível às professoras, para isso adicionando elementos do ambiente doméstico – nada de mecanismos discursivos que façam relações entre as mulheres e o pensamento abstrato.

Na revista, os professores-homens são apresentados como habitantes “naturais” dos espaços públicos (museus, teatros, bosques, etc.), enquanto as professoras são expostas predominantemente em ambientes escolares internos – sala de aula, biblioteca, gabinetes e outras dependências – estando, invariavelmente, próximas às crianças.

Além disso, na sessão intitulada *Obrigado(a) professor(a)*, as descrições das homenageadas fornecem detalhes sobre sua vida pessoal – “mora com

³³⁹ COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política cultural. In COSTA, Marisa Vorraber (org). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* - 2 ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

parentes”, “vive com a família”, “é solteira”, “tem netos”; ao contrário das descrições dos professores, quando não é dada qualquer informação relativa à vida privada ou familiar do mestre. Pode-se ainda observar a diferença em relação aos atributos destacados: os professores são reiteradamente lembrados como “rigorosos, exigentes, fascinantes”, enquanto as professoras são valorizadas por sua “paciência, dedicação, compreensão, afeto e aconchego.”

A produção de uma política de identidade relacionada a gênero também pode ser constatada através das fotos da revista. Nelas, as professoras encontram-se fisicamente muito próximas de seus alunos e alunos, tocando-os, tendo-os ao colo, sendo abraçadas por eles, ouvindo e lendo histórias. Ficam estabelecidos, assim, de diferentes formas, vínculos empáticos e afetivos com as crianças. Já os professores (que aparecem em menos fotos, razão que pode ser explicada pela sua reduzida presença nos quadros do magistério do ensino fundamental) raramente aparecem próximos aos alunos em demonstrações visíveis de afeto.

Outro ponto que Costa destaca em sua análise é a “opção pelo receituário”. Assim como as revistas femininas prescrevem, com o verbo conjugado no imperativo, fórmulas de beleza, elegância e bem viver, *Nova Escola* fornece receitas para o trabalho do ensino. Não há, aliás, nenhum interesse em camuflar este caráter prescritivo: o anúncio da existência de receitas aparece já em chamadas de capa, como *Uma receita de informatização para sua escola*, e em outras frases com efeito equivalente, por exemplo, “Como aliviar a tensão da chegada à quinta série”. Salienta-se, ainda, que no “receituário”, a revista expõe uma ampla e minuciosa lista das inadequações e incompetências dos docentes na execução de tarefas relacionadas ao seu trabalho e sua formação.

A pesquisadora mostra, ainda, como a revista *Nova Escola*, não só através dos textos e imagens, mas também das cores, formas e texturas selecionadas, produz representações, constituindo terreno de luta em uma política de identidade que implica como os professores estão sendo nomeados. A revista coloca em prática uma cadeia de validação de enunciados que acaba por produzir, com uma suposta legitimidade, um padrão social de referência, que discrimina o “normal” e o aceitável do “anormal”. “Apesar de parcial, arbitrário e politicamente comprometido, tal padrão tende a ser exposto como universal e verdadeiro,

produzindo todos os efeitos possíveis em uma tradição cultural edificada sobre o desejo utópico da perfeição e do ideal,”³⁴⁰ diz Costa.

Vale ressaltar que a influência da mídia sobre a sociedade não se reveste de nenhuma forma de violência, pelo contrário, conta quase sempre com uma adesão “natural”, justificada pelo seu caráter de entretenimento.

Ao interagir com as páginas da revista, professores participam de uma estratégia de governo que estrutura seu campo de ação, produzindo uma forma de subjetivação. *Nova Escola* articula mecanismos de autolegitimação que a credenciam diante de seus interlocutores como autoridade na formulação dos discursos. Através de slogans como “Nova Escola, o braço direito do professor”, “para você acompanhar as mudanças em todas as áreas, nada melhor do que contar com Nova Escola”, a revista urde sua representação como veículo do novo, da inovação, da competência. As matérias disseminadas por suas páginas vão se tornando “verdades inquestionáveis”.

O estudo de Costa pretende desmistificar esse caráter de “verdade”, mostrando que, tanto textos como imagens, são campos de luta e de prática de uma política de representação: “As subjetividades não são fixas, unitárias e singulares. Elas estão sempre em jogo, são feitas e refeitas em negociações que as reposicionam no discurso e as reconstituem em novas composições.”³⁴¹

³⁴⁰ Ibid., p. 79.

³⁴¹ Ibid., p. 83.